



Aula 03 – Prosa, poesia e intertextualidade

Gramática e Interpretação de texto
IME – 2021

Professora Celina Gil

Sumário

<i>Apresentação</i>	3
1 – Prosa e Poesia	3
<i>Prosa</i>	3
<i>Poesia</i>	7
2 - Intertextualidade	13
<i>Intertextualidade explícita</i>	13
<i>Intertextualidade implícita</i>	14
2.1 – Citação	16
<i>Citação direta</i>	16
<i>Citação indireta</i>	16
2.2 – Epígrafe	17
2.3 – Paráfrase	18
2.4 – Paródia	19
3 – Exercícios	20
3.1 – Lista de questões	21
3.2 - Gabarito	40
3.3 – Questões comentadas	41
<i>Considerações finais</i>	68



Apresentação

Caro aluno,

Na aula de hoje, vamos nos debruçar sobre a interpretação do texto literário.

Aula 03 – Prosa, poesia e intertextualidade

- Prosa e Poesia
- Comparação entre os gêneros textuais, verbais ou não;
- Paródia, citação, paráfrase, epígrafe e hipertexto.

Muitos dos conteúdos apresentados aqui são abordados de maneira mais profunda nas aulas de literatura. **Nosso interesse aqui não é falar de literatura em si, mas sim de forma do texto literário.** Vamos pensar sobre o que caracteriza um texto em prosa e um em poesia e suas principais formações.

Além disso, vamos pensar sobre **intertextualidade**. É muito comum que o vestibular una textos de diferentes estilos e naturezas e peça que você relacione um com outro. Por isso, pensaremos nos diversos tipos de intertextualidade que podem ocorrer entre textos – inclusive os não literários.

Vamos lá?

1 – Prosa e Poesia

Pode-se dizer que uma obra literária pode ser interpretada segundo dois aspectos: forma e conteúdo. Quanto à forma, convém dividir os textos literários em **prosa** e **poesia**.

Prosa

A prosa é o texto escrito em parágrafos. É um texto escrito sem necessariamente considerar divisões rítmicas ou sonoras. Ela pode ser dividida em dois grandes grupos: **narrativa** e **demonstrativa**.

Prosa narrativa: textos históricos ou de ficção que se proponham a narrar fatos e acontecimentos. Leia este trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis:

“Cândido Neves, — em família, Candinho, — é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira



boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armarinho. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições. Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.”

Prosa demonstrativa: textos ligados à oratória (como discursos) e didáticos (ensaios, tratados, diálogos, etc.).

Leia este trecho do discurso proferido por Machado de Assis na ocasião da inauguração da estátua em homenagem a José de Alencar:

“Hoje, senhores, assistimos ao início de outro monumento, este agora de vida, destinado a dar à cidade, à pátria e ao mundo a imagem daquele que um dia acompanhamos ao cemitério. Volveram anos; volveram coisas; mas a consciência humana diz-nos que, no meio das obras e dos tempos fugidios, subsiste a flor da poesia, ao passo que a consciência nacional nos mostra na pessoa do grande escritor o robusto e vivaz representante da literatura brasileira.”

Na literatura, a preocupação está na prosa narrativa, de ficção. A chamada **prosa literária** é uma das mais importantes para o estudo dos vestibulares. Nela se encontram os **contos**, as **novelas** e os **romances**:

Prosa literária

Conto:

Histórias curtas, com apenas um conflito e poucas personagens.

Novela:

Histórias de tamanho intermediário, com diversos conflitos que se seguem e muitas personagens.

Romance:

História mais longa, com um conflito central e outros secundários que ocorrem em paralelo, complementando-se. As personagens podem aparecer e desaparecer de acordo com a necessidade.





Por vezes, você pode encontrar o termo **prosa poética**. É um tipo de texto que apesar de ser organizado em parágrafos, tem maior cuidado com a sonoridade e o ritmo da escrita. Por isso, é chamado de poético.

Um expoente brasileiro da prosa poética é Guimarães Rosa. **Sagarana** é um de seus livros mais conhecidos e exigidos em muitos vestibulares. É um livro de contos. Que tal ler um deles para se acostumar com um ritmo de prosa diferente do comum?

Sobre o ritmo do texto em prosa, a principal questão a se analisar é a **paragrafação**. Cada tipo de texto pede um modo de organização de parágrafos. Em textos dissertativos, por exemplo, tende-se a dividir os parágrafos por assuntos. Na prosa literária a organização não se dá necessariamente assim. Os autores trabalham a construção dos parágrafos de acordo com seu estilo pessoal e com o momento da narração. Pode-se dividir os parágrafos de acordo com seu **tamanho** ou **conteúdo**:

➤ **Tamanho:**

Curtos:

Se focam apenas nas informações mais importantes, descritas de maneira sucinta. Textos infantis, por exemplo, costumam contar com esse tipo de parágrafo.

Ex.:

“André, o bom Andrezinho, menino querido e estimado por todos que o conheciam, achava-se desesperado, banhado em lágrimas, aflito, porque sabia que o seu extremoso pai estava nos paroxismos finais da vida” (Histórias da Avozinha, Figueiredo Pimentel)

Médios:

Apresenta as ideias com maior profundidade, sem cair na prolixidade. São compostos, normalmente, por mais de um período. É uma estrutura que prende mais facilmente a atenção do leitor.

Ex.:

“Isaura era filha de uma linda mulata, que fora por muito tempo a mucama favorita e a criada fiel da esposa do comendador. Este, que como homem libidinoso e sem escrúpulos olhava as escravas como um serralho à sua disposição, lançou olhos cobiçosos e ardentes de lascívia sobre a gentil mucama. Por muito tempo resistiu ela às suas brutais solicitações; mas por fim teve de ceder às ameaças e violências. Tão torpe e bárbaro procedimento não pôde por muito tempo ficar oculto aos olhos de sua virtuosa esposa, que com isso concebeu mortal desgosto.” (A escrava Isaura, Bernardo Guimarães).

Longos:

Alguns autores utilizam parágrafos longos para descrever minuciosamente alguma situação ou personagem. Outros autores formam períodos muito longos, com muitos conectivos, como escolha estética, podendo assumir diversos significados.

Neste exemplo, o parágrafo é tão extenso que chega a ser o capítulo como um todo.

Ex.:



“Quando o testamento foi aberto, Rubião quase caiu para trás. Adivinhais por quê. Era nomeado herdeiro universal do testador. Não cinco, nem dez, nem vinte contos, mas tudo, o capital inteiro, especificados os bens, casas na Corte, uma em Barbacena, escravos, apólices, ações do Banco do Brasil e de outras instituições, joias, dinheiro amodado, livros, — tudo finalmente passava às mãos do Rubião, sem desvios, sem deixas a nenhuma pessoa, nem esmolas, nem dívidas. Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro Quincas Borba, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador, nada poupando em seu benefício, resguardando-o de moléstias, de fugas, de roubo ou de morte que lhe quisessem dar por maldade; cuidar finalmente como se cão não fosse, mas pessoa humana. Item, impunha-lhe a condição, quando morresse o cachorro, de lhe dar sepultura decente em terreno próprio, que cobriria de flores e plantas cheirosas; e mais desenterraria os ossos do dito cachorro, quando fosse tempo idôneo, e os recolheria a uma urna de madeira preciosa para depositá-los no lugar mais honrado da casa.”
(Quincas Borba, Machado de Assis)

➤ **Conteúdo:**

Descritivos: Parágrafos com muitos adjetivos, cujo objetivo é detalhar algum personagem, local ou situação.

Ex.:

“É uma sala em quadro, toda ela de uma alvura deslumbrante, que realçavam o azul celeste do tapete de riço recamado de estrelas e a bela cor de ouro das cortinas e do estofado dos móveis. A um lado duas estatuetas de bronze dourado representando o amor e a castidade, sustentam uma cúpula oval de forma ligeira, donde se desdobram até o pavimento, bambolins de cassa finíssima.”
(Senhora, José de Alencar)

Dissertativos: Parágrafos que apresentam ideias e as defendem por meio de argumentos.

Ex.:

“Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é a condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”
(Quincas Borba, Machado de Assis)

Narrativos: Parágrafos que efetivamente contam as ações das personagens e suas repercussões na história.

Ex.:



“A coisa se deu assim. Depois do meu telegrama (lembram-se: o telegrama em que recusei duzentos mil-réis àquele pirata), a Gazeta entrou a difamar-me. A princípio foram mofinas cheias de rodeios, com muito vinagre, em seguida o ataque tornou-se claro e saíram dois artigos furiosos em que o nome mais doce que o Brito me chamava era assassino. Quando li essa infâmia, armei-me de um rebenque e desci à cidade.” (São Bernardo, Graciliano Ramos)

Poesia

Antes de entrar na estrutura da poesia em si, vamos observar os gêneros literários em que se divide a poesia.

Gêneros

Os gêneros poéticos, também chamados de **gêneros literários** são divididos em três, de acordo com suas estruturas formais e de conteúdo: lírica, épica e dramática.

Gênero lírico

- Poemas que falam sobre os sentimentos e estados de espírito, direcionados diretamente ao leitor.
- As emoções e opiniões do eu-lírico são bastante evidentes.
- Engloba a poesia satírica, ou seja, aquela que promove sentimentos de escárnio.

Gênero épico

- Poemas em que são narrados grandes feitos heroicos, reais ou mitológicos.
- Os relatos são grandiosos e extensos, contando com muitas estrofes.
- *Ilíada* e *Odisseia* (Homero) e *Os Lusíadas* (Luís de Camões) são os poemas épicos mais conhecidos.

Gênero dramático

- Na poesia dramática não há a figura de um narrador, ou seja, as personagens são responsáveis por contar a própria história.
- Pode apresentar traços tanto épicos quanto líricos em seu conteúdo, porém sua característica mais marcante é não ter narrador.
- É precursora do texto teatral.



SE LIGA!

Esta divisão foi cunhada em um período da história em que a poesia era a forma literária mais popular. Hoje em dia, pode-se considerar que texto em prosa também podem se enquadrar nessas categorias.



A poesia é um texto estruturado em versos, ou seja, em linhas encadeadas normalmente de tamanho pequeno. A poesia se preocupa a estética, combinando sons e significados das palavras com organizações sintáticas não necessariamente preocupadas com a norma culta. Quanto à poesia, para interpretá-la é preciso prestar a atenção em: **estrutura, métrica, composições e gêneros.**

Estrutura da poesia

Vamos partir do poema “Mar Português”, de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Estes são os elementos básicos de um poema:

- **Verso:** cada uma das linhas do poema. Pode ter regularidade de tamanho ou não.

“Ó mar salgado, quanto do teu sal”

- **Estrofe:** conjunto de versos, que pode se estruturar de maneira regular ou não. Cada linha pulada no poema representa uma mudança de estrofe

“Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!”

- **Rima:** repetição fonética que ocorre em um intervalo. Identifica-se, principalmente, pelo som das últimas palavras dos versos.

“Valeu a pena? Tudo vale a **pena**”



Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.”

ATENÇÃO: os esquemas de rimas costumam ser representados por letras, em que cada letra corresponde a um som. Assim, na estrofe transcrita acima, o esquema de rimas seria **AABBCC**, em que **A** = “ena”, **B** = “dor” e **C** = “eu”.

- **Eu lírico ou voz lírica ou sujeito lírico:** a pessoa que se expressa no poema. Não confunda com o próprio poeta. Enquanto artista, um poeta pode falar sobre diversos assuntos e com diversos pontos de vista. Veja, por exemplo, dois poemas de heterônimos* de Fernando Pessoa:

Álvaro de Campos	Alberto Caeiro
“Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do [que as outras, Acordar da Rua do Ouro, Acordar do Rocio, às portas dos cafés, Acordar E no meio de tudo a gare, que nunca dorme, Como um coração que tem que pulsar através [da vigília e do sono.”	“O meu olhar azul como o céu É calmo como a água ao sol. É assim, azul e calmo, Porque não interroga nem se espanta”

***heterônimos:** são autores fictícios, com personalidade e estilo próprios. Um mesmo poeta pode assumir diferentes personalidades e ter diversos heterônimos e cada um escrever de uma maneira.

Percebe-se aqui que quando assume a postura de Álvaro de Campos, o poeta escreve sobre a cidade, a velocidade e as questões da vida urbana. Quando escreve como Alberto Caeiro, fala sobre o campo, a natureza e a paz do campo. Apesar de ser o mesmo autor, o **sujeito lírico** de cada um dos poemas é diferente.

Métrica

A métrica de um poema se dá pelo número de sílabas de um verso. Conta-se as sílabas até a última sílaba tônica, ou seja, a sílaba forte da última palavra do verso. Isso ocorre porque o que dá **ritmo** a um texto poético é o som das sílabas tônicas.

Observe o exemplo:

“Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;” (Luís de Camões)

A/ mor / é / fo/ go / que ar/ de / sem / se / ver,



é / fe/ ri/ da / que / dói,/ e /não /se /sente;

Esse trecho do poema de Camões mostra versos de dez sílabas. No segundo verso, percebe-se que na palavra “sente”, “sen” é a sílaba tônica. Portanto, a contagem de sílabas vai até esse ponto.

Além disso, você reparou esse sinal no primeiro verso:  ?

Esse sinal indica a **elisão**. Ela ocorre quando duas sílabas têm sons próximo e, quando lidas, acabam parecendo ser um só. Leia o primeiro verso em voz alta. O “que arde” acaba sendo lido “quiarde”, assim mesmo, tudo junto. Por isso, “que ar” conta como uma sílaba só.

Perceba a diferença de tamanho dos versos a partir do quadro abaixo:

PRINCIPAIS MÉTRICAS	EXEMPLOS
Redondilha menor: verso de 5 sílabas poéticas	“Não chores, meu filho; Não chores, que a vida É luta renhida: Viver é lutar. A vida é combate, Que os fracos abate, Que os fortes, os bravos Só pode exaltar.” (Gonçalves Dias)
Redondilha maior: verso de 7 sílabas poéticas	“Minha terra tem palmeiras, Onde canta o Sabiá; As aves, que aqui gorjeiam, Não gorjeiam como lá.” (Gonçalves Dias)
Decassílabo: verso com 10 sílabas poéticas	“Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro! Não levo da existência uma saudade! E tanta vida que meu peito enchia Morreu na minha triste mocidade!” (Álvares de Azevedo)
Verso alexandrino ou dodecassílabo: verso com 12 sílabas poéticas.	“Quando, em prônuvo anseio, a abelha as asas solta E escala o espaço, — ardendo, exul do corcho céreo, Louca, se precipita a sussurrante escolta Dos noivos zonzos, voando ao nupcial mistério.” (Olavo Bilac)

Veja um verso embaixo do outro para perceber a diferença de tamanho entre eles:

5 sílabas: Não / cho/ res, / meu /filho

7 sílabas: Mi/ nha / te/ rra /tem /pal/meiras

10 sílabas: A/ deus,/ meus/ so/nhos,/ eu / pran/te/io e / morro!

12 sílabas: Quan/ do, em / prô/ nu/bo na/se/io, a/ be/ lha as / a/ sas / solta

Quando os versos não são regulares, eles podem ser entendidos de duas maneiras:

- **Versos livres:** versos sem métrica.



“Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram,
Ou metade desse intervalo, porque também há vida...
Sou isso, enfim...”

(Álvaro de Campos)

- **Versos brancos:** versos sem rimas.

“Da minha aldeia veio quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...”

(Alberto Caeiro)

Composições

A composição é a organização regular de um poema de acordo com o número de versos por estrofe. Apesar de haver inúmeras possibilidades de composição de um poema, estas são as principais formas para o estudo dos vestibulares:

- **Quadriilha ou quadra:** poema formado por estrofes de quatro versos de sete sílabas cada uma.

Por quem foi que me trocaram

Por quem foi que me trocara
Quando estava a olhar pra ti?
Pousa a tua mão na minha
E, sem me olhares, sorri.

Sorri do teu pensamento
Porque eu só quero pensar
Que é de mim que ele está feito
E que o tens para mo dar.

Depois aperta-me a mão
E vira os olhos a mim...
Por quem foi que me trocaram
Quando estás a olhar-me assim?

(Fernando Pessoa)

- **Soneto:** poema de 14 versos, organizados em quatro estrofes. As duas primeira estrofes são quartetos (4 versos por estrofe) e as duas últimas estrofes são tercetos (três versos por estrofe).



Pálida à luz da lâmpada sombria,
sobre o leito de flores reclinada,
como a lua por noite embalsamada,
entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! O seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando,
por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

(Álvares de Azevedo)

- **Haikai:** poema de três versos em que o 1º verso possui 5 sílabas poéticas, o 2º verso possui 7 sílabas poéticas e o 3º verso possui 5 sílabas poéticas.

O Poeta

Caçador de estrelas.
Chorou: seu olhar voltou
com tantas! Vem vê-las!

(Guilherme de Almeida)



2 - Intertextualidade

Entende-se por **intertextualidade** a relação entre dois ou mais textos, entendendo qual a natureza dessa relação. Algumas vezes a intertextualidade é mais evidente outras não. Pode também aparecer entre textos de diferentes naturezas, verbais e visuais.

Veja alguns exemplos para compreender melhor a ideia:

Intertextualidade explícita

Observe essa imagem:



Ela faz referência **explícita** à famosa capa do álbum *Abbey Road* (1969), dos Beatles. Essa fotografia já foi recriada por diversos artistas e com diversos personagens. Aqui, colocamos alguns autores de língua portuguesa no lugar dos integrantes da banda. Temos, da esquerda para a direita, Clarice Lispector, Fernando Pessoa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade.

Intertextualidade implícita

Observe a comparação entre esses dois poemas:

Com licença poética (Adélia Prado)	Poema de Sete Faces (Carlos Drummond de Andrade)
<p><u>Quando nasci um anjo esbelto,</u> <u>desses que tocam trombeta, anunciou:</u> <u>vai carregar bandeira.</u></p> <p>Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos — dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. <u>Vai ser coxo na vida,</u> é maldição pra homem.</p> <p>Mulher é desdobrável. Eu sou.</p>	<p><u>Quando nasci, um anjo torto</u> <u>Desses que vivem na sombra</u> <u>Disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida</u></p> <p>As casas espiam os homens Que correm atrás de mulheres A tarde talvez fosse azul Não houvesse tantos desejos</p> <p>O bonde passa cheio de pernas Pernas brancas pretas amarelas Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração Porém meus olhos Não perguntam nada</p> <p>(...)</p>

Perceba que, nesse caso, a referência é implícita, ou seja, depende de uma **interpretação** mais aprofundada para ser compreendida. Depende também de maior conhecimento por parte do leitor. **Caso não conhecesse o poema de Drummond, o leitor poderia não compreender essa referência.**



ACORDE!!

Muitas vezes você encontrará as palavras **alusão** ou **referência** para se referir à ideia de intertextualidade.

Lembre-se:

Alusão: menção rápida ou vaga.

Referência: menção ou ato de se reportar a algo.



Muitas vezes, o mesmo autor pode produzir textos que trabalham com a intertextualidade. Um dos autores brasileiros que mais profundamente realiza esse diálogo entre obras de sua própria autoria é **Machado de Assis**. Em nossa aula, usaremos muitos exemplos do autor.

Veja esse trecho da obra *Quincas Borba* (1892):

[CAPÍTULO IV]

ESTE QUINCAS BORBA, **se acaso me fizeste o favor de ler as Memórias Póstumas de Brás Cubas**, é aquele mesmo náufrago da existência, que ali aparece, mendigo, herdeiro inopinado, e inventor de uma filosofia. Aqui o tens agora em Barbacena. Logo que chegou, enamorou-se de uma viúva, senhora de condição mediana e parcos meios de vida, mas, tão acanhada que os suspiros no namorado ficavam sem eco. Chamava-se Maria da Piedade. Um irmão dela, que é o presente Rubião, fez todo o possível para casá-los. Piedade resistiu, um pleuris a levou.



Memórias póstumas de Brás Cubas foi lançado em 1881. Ele reaproveita a personagem que dará nome ao romance de *Quincas Borba*, o filósofo. Isso atesta um procedimento comum em Machado de Assis: **a intertextualidade com a própria obra**. Sua intertextualidade tem muitas vezes a função de humilhar o leitor, de mostrar a ele o quão despreparado ele pode ser.

No trecho acima, a **ironia** de Machado de Assis fica evidente: ele duvida que o leitor possa ter lido sua obra anterior e trata como se a leitura da obra anterior fosse um favor que o leitor faz a ele.



No audiovisual, é comum aparecer a intertextualidade de outros modos! Veja como:

Crossover

Quando personagens de séries ou filmes diferentes interagem entre si em uma obra específica. É uma produção pontual.

Ex.: O filme *Batman vs Superman - a origem da justiça* se inspira em diversas revistas para criar o encontro entre os dois super-heróis. É diferente da *Liga da Justiça*, por exemplo, que apesar de unir vários heróis, é uma série de quadrinhos, não um especial.

Spin off

É uma obra derivada de outra. Costuma se concentrar especificamente em um personagem ou situação e se aprofundar nele.

Ex.: As personagens dos *Minions*, do filme *Meu malvado favorito*, fizeram muito sucesso. Por isso, eles ganharam uma série de filmes só deles.



2.1 – Citação

Um dos tipos de intertextualidade possíveis é a **citação**. A citação é o ato de referenciar a fala de outra pessoa. Ela pode ocorrer tanto de maneira direta quanto indireta.

Citação direta

Ocorre quando o autor coloca as palavras de outro autor em seu texto assim como elas foram escritas e referencia a origem da citação.

Ex.:

CAPÍTULO XLVII

Talvez o Rio de Janeiro para ela fosse Botafogo, e propriamente a casa de Natividade. O pai não apurou as causas da recusa; supô-las políticas, e achou novas forças para resistir às tentações de D. Cláudia: "Vai-te, Satanás; porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele servirás". E seguiu-se como na Escritura: "Então o deixou o Diabo; e eis que chegaram os anjos e o serviram".

(Esaú e Jacó, Machado de Assis)

Citação indireta

Ocorre quando o autor cita as palavras de outro autor, reescrevendo o texto original ou apenas citando as palavras sem referenciar a origem.

Ex.:

(...) Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. *Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir?* Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros.

(O espelho, Machado de Assis)

Essa canção é popularmente conhecida na França. Ela faz referência à personagem irmã Anne, do conto A Barba Azul, de Charles Perrault. O conto fala sobre um homem muito rico que, no entanto, por possuir uma barba azul, era desprezado pelas moças. Ele vivia em um palácio suntuoso, com tapeçarias, ouro, prata e espelhos diversos, capazes inclusive de distorcer a imagem de quem se vê neles.

Anne é a irmã da mulher que acaba tendo que se casar com Barba Azul. Ela é uma irmã boa – diferente de muitas dos contos de fadas. Essa fala – que em português significa “Irmã Anne, irmã Anne, você não vê ninguém chegar?” – é proferida pela irmã quando precisa de ajuda, pois Barba



Azul está ameaçando matá-la. Anne fica no alto de uma torre, esperando ajuda e, de quando em quando, sua irmã a pergunta isso.

O conto “O espelho”, de Machado de Assis, fala sobre um homem que, ao se encontrar sozinho em uma casa distanciada da sociedade, passa a questionar sua própria identidade, não sendo mais capaz de se reconhecer. No momento em que está ansiando pela chegada de alguém na casa, a personagem faz essa citação.

2.2 – Epígrafe

Uma epígrafe é frase que vem no início de um livro, um capítulo, um conto etc.. Ela funciona como um **tema** do texto, ou seja, resume o sentido ou mensagem da obra como um todo. São citações diretas de outros autores.

Ex.:

“Eu sou pobre, pobre, pobre,
vou-me embora, vou-me embora

.....

Eu sou rica, rica, rica, vou-me embora, daqui!...”

(Cantiga antiga)

“Sapo não pula por boniteza,
mas porém por precisão.”

(Provérbio capiau)

(A hora e a vez de Augusto Matraga, Guimarães Rosa)

No início do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Guimarães Rosa, há duas epígrafes: um trecho de uma canção antiga e um provérbio capiau*. Perceba que nenhum desses textos possui autor conhecido. São fruto de conhecimentos populares, sem autoria definida. Isso é um traço muito comum desse autor: o uso de referências ligadas ao popular.

*capiau: regionalismo que significa caipira ou roceiro, muitas vezes com sentido pejorativo.

O conto relata a história de Nhô Augusto, um homem que vivia uma vida mundana, com bebida, brigas e saideiras. Ele era casado com Dona Dionóra, mas a traía de maneira contumaz. Cansada do tratamento que recebia, Dona Dionóra foge junto com a filha e encontra um novo companheiro. Essa passagem possivelmente se relaciona com a cantiga antiga utilizada como epígrafe do conto em que uma voz poética feminina anuncia sua partida.



Já o provérbio capia, pode ser interpretado à luz das mudanças de comportamento de Nhô Augusto. O sapo não pula porque é bonito, mas sim porque é necessário. Nhô Augusto, da mesma forma, não muda seu comportamento e se torna um homem virtuoso simplesmente porque era “bonito”, mas sim por necessidade: sua postura era uma das principais causas de suas adversidades.

2.3 – Paráfrase

A paráfrase é uma **reescrita** do texto. Ocorre quando um autor reescreve, com suas próprias palavras, o texto de outro, mantendo o sentido original. Veja um exemplo a partir de um dos textos de apoio da redação da UNESP (2019):

Texto Original

Comprar por impulso e se livrar de bens que já não são atraentes, substituindo-os por outros mais vistosos, são nossas emoções mais estimulantes. Completude de consumidor significa completude na vida.

(Zygmunt Bauman. A riqueza de poucos beneficia todos nós?, 2015. Adaptado.)

Paráfrase

Ser completo enquanto consumidor significa ser completo na vida. As sensações que mais nos estimulam vêm da compra por impulso e de livrar-nos de coisas menos atrativas, trocando-as por outras mais interessantes.

Observe as possíveis estratégias utilizadas aqui para criar a paráfrase:

- Inversão da ordem das informações – inverter os períodos ou a ordem das orações ajuda a diferenciar os textos.
- Sinônimos – trocar palavras por outras de sentido equivalente é um modo de reescrever sem perder o sentido original. Ex.: “atraente” é substituído por “atrativas” na paráfrase. Termos genéricos (como a palavra “interessante” que utilizamos na nossa paráfrase, por exemplo) também funcionam.
- Troca de classes gramaticais – muitas vezes, o mesmo radical pode dar origem a palavras de diferentes classes gramaticais. O radical “estimul-”, por exemplo, gera as palavras “estimulantes” e “estimulam”, respectivamente, adjetivo e verbo. Veremos mais sobre estrutura e classes de palavra na nossa aula 04 de Gramática e Interpretação de Texto!



Apenas mudar a ordem dos termos do texto **não configura paráfrase**.
Você precisa **reescrever com suas próprias palavras** e, se for utilizar algo do texto original, **cite o autor**.

2.4 – Paródia

Uma paródia acontece quando se faz uma releitura de uma obra, ou seja, uma reinterpretação de algo que já existe. Ela costuma assumir tom jocoso ou irônico e, frequentemente, parte de uma obra muito conhecida, de modo que a referência é rapidamente reconhecida.

Veja esse poema consagrado de Gonçalves Dias. É seu poema mais conhecido de exaltação à pátria. Como muitos escritores que se encontravam longe do Brasil, sua terra natal se mostrava um espaço idealizado pela saudade.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar – sozinho – à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras;
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho – à noite –
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que eu desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.



Esse poema será revisitado muitas vezes ao longo do tempo, por diversos autores. **Principalmente para os Modernistas, a primeira geração do Romantismo será fonte de inspiração.** Veja trechos de diversas obras inspiradas na Canção do Exílio:





Minha terra tem macieiras da
Califórnia
onde cantam gaturamos de
Veneza.



Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá



Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.



Murilo Mendes em *Canção do
Exílio*



Oswald de Andrade em *Canto
de Regresso à Pátria*



Mario Quintana em *Uma canção*



CURIOSIDADE

Você sabia que lembrar desse poema pode te ajudar a guardar uma fórmula matemática? Leia a fórmula do **Seno do arco soma A + B** ($\text{sen}(A + B) = \text{sen } A \cdot \text{cos } B + \text{sen } B \cdot \text{cos } A$) no ritmo da primeira estrofe do poema:

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá
seno A cosseno B
seno B cosseno A
O sinal que vai aqui
É o mesmo que vai pra lá*

Obs.: o mesmo vale para a fórmula de subtração.

3 – Exercícios

Antes de começar nossas questões, alguns avisos:

- Há aqui exercícios de interpretação de texto, tanto em prosa quanto em poesia. Você deve se habituar a compreender textos em qualquer uma das circunstâncias.
- Há também questões interdisciplinares, que envolvem conhecimentos de mundo além de conhecimentos em português.

Vamos lá?



3.1 – Lista de questões

Texto para as questões 1 e 2

Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha, jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole que se defende, viceja e floresce no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos.
Burrinhos dos morros, secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra, no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,

TEXTO 1

pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura todo o errado da minha terra.
Becos da minha terra, discriminados e humildes, lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra, suspeitos... mal afamados onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada, solitária, hética, engalicada, tossindo, escarrando sangue na umidade suja do beco.



Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de
varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

1. (IME - 2019)

O poema se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)

a) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.

b) uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.

c) frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.

d) fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de
Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande
coletivo de São Vicente.
Uma estação permanente de repouso -
no aprazível São Miguel.

Cai o pano.

*CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e
Estórias Mais. 21ª ed. - São Paulo: Global Editora,
2006.*



e) necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

2. (IME – 2019)

Os becos descritos no poema denunciam lugares marginalizados, abandonados e, mais frequentemente, não amados. Assinale a opção em que o verso transcrito condiz com essa afirmativa.

- a) “Amo tua paisagem triste, ausente, suja.” (verso 2)
- b) “Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,” (verso 9)
- c) “Amo a avenca delicada que renasce” (verso 13)
- d) “Amo esses burros-de-lenha” (verso 18)
- e) “Amo e canto com ternura” (verso 29)

Texto para as questões 3, 4 e 5

TEXTO 2

O elefante

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfasiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem



e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga

reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. -
São Paulo: Editora Record, 1983.

3. (IME - 2019)

No poema, considerando o elefante fabricado artesanalmente como uma alegoria para falar da arte, mandar o elefante à rua aponta para um desejo de

- a) divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.
- b) invisibilidade da coisa criada.
- c) anonimato e silenciamento, já que há nas ruas um burburinho incessante que acaba por silenciar tudo o que nela transita.
- d) fuga às responsabilidades do artista, pois o poeta sucumbe diante de sua inspiração.
- e) banalização dos sentimentos que inspiraram o poeta a construir seu elefante.



4. (IME - 2019)

Considere os versos 19 a 23 do poema, transcritos abaixo:

“E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.”

Abaixo, você encontrará alguns ditados populares elencados. Qual destes ditados mais se aproxima da ideia veiculada no verso 23, “alheia a toda fraude”?

- a) “Fazer o bem sem olhar a quem.”
- b) “O pior cego é aquele que não quer ver.”
- c) “Perto dos olhos, longe do coração.”
- d) “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.”
- e) “Os olhos são a janela da alma.”

5. (IME – 2019)

O poema *O elefante*

- a) anuncia, por meio da alegoria do animal, que o tamanho dos problemas dos adultos é inversamente proporcional ao tamanho do elefante, sendo, ao mesmo tempo, um poema direcionado às crianças.
- b) estabelece uma relação criador/criatura e, metaforicamente, é possível falar de um paralelo entre arte/artista: o conteúdo produzido pelo artista é causa e consequência, ao mesmo tempo, do trabalho do poeta com as palavras.
- c) desconecta o elefante (criação) de seu criador, retirando deste toda a sua capacidade criativa.
- d) mostra a criatura, o elefante, como algo definido e único: criá-lo é tão trabalhoso que não há possibilidade de criar outros elefantes.
- e) revela, metaforicamente, um descuido com o fazer poético ao descrever a deselegância do elefante mal construído, que segue pelas ruas de modo desequilibrado.

6. (IME – 2019)

Quanto à estrutura, os textos 1 e 2

- a) são haicais pois transmitem imensa sabedoria em relação ao tamanho dos textos apresentados.
- b) são acrósticos que cantam determinado lugar ou coisa.



- c) são baladas que fazem referência a um tempo perdido.
- d) são poemas modernos que apresentam versos brancos ou livres e estrofes polimétricas.
- e) são sonetos e apresentam conteúdos ligados à sabedoria acumulada pelos poetas ao longo do tempo.

7. (IME – 2019)

Sobre os textos 1 e 2, analise as afirmações abaixo:

- I. descrevem um exterior cuja aparência pode ser vista como deselegante, guardando, porém, tanto os becos quanto o elefante, um interior rico em poesia e vida.
- II. revelam uma construção erudita, rígida e intelectualizada de uma narrativa poética cuja forma apresenta estrofes regulares e longas, intercaladas por estribilho.
- III. há uma relação estreita entre prosa e poesia revelada no encadeamento que oscila entre a descrição e a narração.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

Texto para as questões 8 e 9

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

¹Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, ²o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ³ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e



compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. ⁴Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. ⁵Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só ⁶o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017.

Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

8. (IME - 2018)

Considere o trecho abaixo, retirado do texto:

Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem (referência 6).

A autora discorre sobre a posse de um saber. A respeito desse saber, podemos afirmar que

- a) os bobos que se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria que os espertos deveriam ter.
- b) os bobos que aparentemente se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria dos espertos.
- c) os bobos, por serem naturalmente criativos, comprovam possuir a sabedoria necessária para vencer.



d) os bobos, por serem naturalmente criativos, não permitem que ninguém desconfie de sua dissimulada esperteza, que nada mais é do que produto de sua criatividade; assim definimos sua estratégia para vencer na vida.

e) os bobos acabam por se tornar espertos e, por isso, ganham as lutas da vida, já que não se importam que “saibam que eles sabem”.

9. (IME - 2018)

Sobre as considerações a respeito de ser **esperto** vs. ser **bobo** encontradas no texto, assinale o par de análises que **destoa** das considerações feitas pela autora.

a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.

b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.

c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.

d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.

e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

10. (IME – 2018)

EXAUSTO

Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.
Quero o que antes da vida
foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.

*PRADO, Adélia. Exausto. Disponível em <<http://byluleoa-tecendopalavras.blogspot.com.br/>>.
Acesso em 31/07/17.*

A respeito dos versos abaixo (versos 3 e 4),

sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.



podemos afirmar que

- a) indicam uma opção por um descanso em áreas afastadas dos grandes centros urbanos, onde o contato com a natureza é possível.
- b) expressam o objetivo da autora em querer conquistar bens materiais que promovam uma vida confortável; dar espaço aos “sonhos” prejudicaria esse processo.
- c) revelam o desejo de um descanso necessário a quem se reconhece portador de um extremo cansaço; sonhar não é objetivo principal dessa pausa.
- d) produzem, no leitor, a certeza de que o ato de sonhar traz, ao ser humano, mais uma obrigação do que um prazer para aquele que quer vencer.
- e) comprovam que o ato de sonhar é próprio do “sono profundo das espécies”, por isso, a autora o busca.

Texto para as questões 11, 12 e 13

O texto abaixo é uma das liras que integram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

1. Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão!
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

2. Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

3. Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

4. Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

5. *Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele,
Que feres e matas,
Não tens compaixão?*

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011.)

11. (ITA – 2018)

Neste poema,



- I. há o relato de um episódio vivido por Marília: após ser ferida por uma abelha, ela é socorrida pelo Amor.
- II. o Amor é personificado em uma deidade que dirige a Marília uma pequena censura amorosa.
- III. a censura que o Amor faz a Marília é um artifício por meio do qual o sujeito lírico, indiretamente, dirige a ela uma queixa amorosa.
- IV. o propósito maior do poema surge, no final, no lamento que o sujeito lírico dirige à amada, que parece fazê-lo sofrer.

Estão corretas:

- a) I, II e III apenas.
- b) I, II e IV apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II, III e IV apenas.
- e) todas.

12. (ITA – 2018)

O poema abaixo dialoga com as líras de Marília de Dirceu.

Haikai tirado de uma falsa líra de Gonzaga

Quis gravar “Amor”

No tronco de um velho freixo:

“Marília” escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

Dentre as marcas mais visíveis de intertextualidade, encontram-se as seguintes, EXCETO

- a) o título do poema menciona o autor de Marília de Dirceu.
- b) ambos os textos pertencem à mesma forma poética.
- c) no poema, Marília é, assim como em Gonzaga, o objeto amoroso.
- d) tal como nos textos árcades, no de Bandeira, a natureza é o cenário do amor.
- e) este poema de Bandeira possui, como os de Gonzaga, teor sentimental.

13. (ITA - 2018)

Haikai tirado de unia falsa líra de Gonzaga

Quis gravar “Amor”

No tronco de um velho freixo:

“Marília” escrevi.



(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

O poema abaixo retoma imagens presentes nas liras de *Marília de Dirceu* e no haicai de Manuel Bandeira, apresentados acima.

Passeio no bosque

o canivete na mão não deixa
marcas no tronco da goiabeira

cicatrizes não se transferem

(CACASO. *Beijo na boca*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.)

Algumas pessoas, ao gravarem nomes, datas etc., nos troncos das árvores, buscam externar afetos ou sentimentos. Esse texto, contudo, registra uma experiência particular de alguém que, fazendo isso,

- a) se liberta das dores amorosas, pois as exterioriza de alguma forma.
- b) percebe que provocará danos irreversíveis à integridade da árvore.
- c) busca refúgio na solidão do espaço natural.
- d) se dá conta de que é impossível livrar-se dos sentimentos que o afligem.
- e) encontra dificuldade em gravar o tronco com um simples canivete.

Texto para as questões 14 e 15

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
não quero morrer pois quero ver
como será que deve ser envelhecer
eu quero é viver pra ver qual é
e dizer venha pra o que vai acontecer
eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar
eu quero que a panela de pressão pressione
e que a pia comece a pingar
eu quero que a sirene soe
e me faça levantar do sofá
eu quero pôr Rita Pavone*
no *ringtone* do meu celular
eu quero estar no meio do ciclone
pra poder aproveitar
e quando eu esquecer meu próprio nome



que me chamem de velho gagá
pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé
com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(ANTUNES, A. *Envelhecer. Álbum Ao vivo lá em casa. 2010.*)

*cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.

14. (ITA - 2018)

“Eu quero pôr Rita Pavone no *ringtone* do meu celular”. O trecho selecionado indica que o autor

- a) busca conciliar elementos de épocas distintas.
- b) acredita que a velhice seja apenas uma construção social.
- c) necessita estar acompanhado de tecnologias modernas.
- d) cria diversas formas de lidar bem com a velhice.
- e) atribui características humanas ao não humano.

15. (ITA - 2018)

O trecho que critica explicitamente aqueles que não aceitam a velhice é:

- a) e quando eu esquecer meu próprio nome que me chamem de velho gagá
- b) não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer
- c) pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé
- d) a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
- e) os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

16. (ITA - 2017)

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

- Licença, meu branco!
- E São Pedro bonachão:
- Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Em: Manuel Bandeira, *Libertinagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.*)



O poema abaixo é de Alcides Villaça.

Bach no céu

Para Manuel Bandeira

Imagino Johann Sebastian Bach entrando no céu:

- Com licença, São Pedro?
- Faz favor, João. Só não repare a bagunça.

(Em: Ondas curtas. São Paulo: Cosac Naify, 2014.)

- Dada a explícita relação intertextual entre *Bach no céu* e *Irene no céu*, é correto afirmar que
- a) *Bach no céu*, por ser um poema dedicado a um grande compositor, se opõe frontalmente ao primeiro poema, dedicado a uma mulher simples.
 - b) a linguagem, no poema de Villaça, é formal porque ele retrata um grande compositor.
 - c) inexistente afetividade em *Bach no céu*, pois o sujeito lírico não conheceu Bach pessoalmente.
 - d) a admiração do sujeito lírico por Bach não é, na visão dele, compartilhada por São Pedro.
 - e) *Bach no céu* homenageia, ao mesmo tempo, Johann Sebastian Bach e Manuel Bandeira.

17. (ITA - 2016)

A adivinha é um gênero da oralidade popular que formula construções como: “O que é, o que é: tem escamas mas não é peixe, tem coroa mas não é rei? O abacaxi!. Ela consiste num jogo enigmático de perguntas que, por conter dualidades e oposições, leva o ouvinte a pensar. Considerando essa definição, leia o poema abaixo de Orides Fontela.

Adivinha

O que é impalpável
mas
pesa

o que é sem rosto
mas
fere

o que é invisível
mas



dói.

(Em: Teia. São Paulo: Geração Editorial, 1996.)

Considere as seguintes afirmações:

- I. O poema mantém alguns traços formais da adivinha popular.
- II. Como a adivinha popular, a do poema possui uma única resposta, que é um elemento concreto.
- III. A adivinha do poema é uma reinvenção da adivinha popular.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II.
- e) II e III.

18. (ITA - 2014)

O poema abaixo é de Cecília Meireles:

Epigrama 8

Encostei-me em ti, sabendo bem que eras somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus minha vida em ti.
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino frágil,
fiquei sem poder chorar, quando caí.

É CORRETO afirmar que o texto

- a) contém uma expressão exagerada de dor e tristeza, decorrente do fim de um envolvimento amoroso.
- b) fala sobre o rompimento de duas pessoas, que, por já ser previsto, não causou dor no sujeito lírico.
- c) registra o término de um envolvimento afetivo superficial, pois os amantes não se entregaram totalmente.
- d) contém ambiguidade, pois, apesar de o sujeito lírico dizer que não chorou, o poema exprime tristeza.



e) garante que a forma mais aconselhável de lidar com as decepções é estarmos de antemão preparados para ela.

19. (ITA - 2013)

O poema abaixo traz a seguinte característica da escola literária em que se insere:

Violões que Choram...

Cruz e Sousa

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.

[...]

- a) tendência à morbidez.
- b) lirismo sentimental e intimista.
- c) precisão vocabular e economia verbal.
- d) depuração formal e destaque para a sensualidade feminina.
- e) registro da realidade através da percepção sensorial do poeta.

20. (ITA - 2013)

O segmento do poema ao lado apresenta

Eu e o sertão

Patativa do Assaré



Sertão, arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.
[...]

(*Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1982*)

- a) um testemunho de quem conhece o ambiente retratado.
- b) humor e ironia numa linguagem simples típica do sertanejo.
- c) uma descrição detalhada do espaço.
- d) a percepção do poeta de que seu canto é a melhor das interpretações.
- e) perceptível distanciamento entre o poeta e o objeto do seu canto.

21. (ITA - 2012)

Considere o poema abaixo, de Ana Cristina César (1952-1983).

Fisionomia

não é mentira
é outra
a dor que dói
em mim
é um projeto
de passeio
em círculo
um malogro
do objeto
em foco
a intensidade
de luz
de tarde
no jardim
é outra
a dor que dói

O título do poema está relacionado ao eu lírico por um conflito de natureza

- a) amorosa.



- b) social.
- c) física.
- d) existencial.
- e) imaginária.

Texto para as questões 22 e 23

Leia o soneto “Alma minha gentil, que te partiste”, do poeta português Luís de Camões (1525?-1580).

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

(Sonetos, 2001.)

22. (UNESP - 2017)

No soneto, o eu lírico

- a) suplica a Deus que suas memórias afetivas lhe sejam subtraídas.
- b) expressa o desejo de que sua amada seja em breve restituída à vida.
- c) expressa o desejo de que sua própria vida também seja abreviada.
- d) suplica a Deus que sua amada também se liberte dos sofrimentos terrenos.
- e) lamenta que sua própria conduta tenha antecipado a morte da amada.

23. (UNESP - 2017)

De modo indireto, o soneto camoniano acaba também por explorar o tema da

- a) falsidade humana.
- b) indiferença divina.



- c) desumanidade do mundo.
- d) efemeridade da vida.
- e) falibilidade da memória.

Texto para as questões 24 e 25

Considere o poema do português Eugênio de Castro (1869-1944).

MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso
[gesto canta!

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,
Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

(Obras poéticas, 1968.)

24. (UNESP – 2016)

Indique o verso cuja imagem significa “trazer sofrimentos, padecimentos”.

- a) “O vosso gesto é como um balouçar de palma,”
- b) “Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,”
- c) “Duas velas à flor duma baía escura.”



- d) “Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,”
- e) “Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,”

25. (UNESP - 2016)

“Alegrai, como dois netinhos, o viver / Da minha alma, velha avó entrevadinha.”

Considerados em seu contexto, tais versos

- a) reforçam o modo negativo como o eu lírico enxerga a si mesmo.
- b) evidenciam o ressentimento do eu lírico contra os familiares.
- c) assinalam uma reaproximação do eu lírico com a própria família.
- d) atestam o esforço do eu lírico de se afastar da imagem obsessiva das mãos.
- e) reafirmam o otimismo manifestado pelo eu lírico ao longo do poema.



3.2 - Gabarito

1. A	10. C	19. E
2. A	11. E	20. A
3. A	12. B	21. D
4. E	13. D	22. C
5. B	14. A	23. D
6. D	15. C	24. B
7. C	16. E	25. A
8. C	17. C	
9. D	18. D	



3.3 – Questões comentadas

Texto para as questões 1 e 2

Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha, jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole que se defende, viceja e floresce no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha que passam pelos becos antigos.
Burrinhos dos morros, secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra, no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,

TEXTO 1

pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura todo o errado da minha terra.
Becos da minha terra, discriminados e humildes, lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra, suspeitos... mal afamados onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada, solitária, hética, engalicada, tossindo, escarrando sangue na umidade suja do beco.



Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de
varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

1. (IME - 2019)

O poema se inicia em um processo descritivo e passa para o descritivo-narrativo. Isso se confirma pelo(a)

a) contraste entre o uso abundante de adjetivos concomitante ao parco uso de formas verbais nas primeiras estrofes em relação à recorrência de formas verbais indicativas de ação conjugadas, predominantemente, no pretérito imperfeito do modo indicativo nas estrofes finais.

b) uso de verbos conjugados na primeira pessoa do singular do modo indicativo nas primeiras estrofes em contraste com os verbos conjugados em terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo nas estrofes finais.

c) frequência com que aparecem, no início do poema, palavras cujos significados estão associados à tristeza e ao abandono dos becos em contraste com o final do poema em que comparecem forças preocupadas em garantir ordem na vida pública.

d) fato de que a escritora se conforma ao processo mais tradicional na construção dos poemas.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de
Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande
coletivo de São Vicente.
Uma estação permanente de repouso -
no aprazível São Miguel.

Cai o pano.

*CORALINA, Cora. Poemas dos Becos de Goiás e
Estórias Mais. 21ª ed. - São Paulo: Global Editora,
2006.*



e) necessidade de dar ao poema um tom realista, afastando-o do romantismo tradicionalmente associado às formas poéticas como um todo.

Comentário: Como é característico da descrição, na primeira parte do texto a autora utiliza uma variedade de adjetivos. Este momento não tem outro objetivo que não o de situar o leitor em sua cidade. Depois, a poeta passa a contar uma história ocorrida na sua cidade. Por isso, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois a menção aos verbos é apenas para tornar mais difícil a resolução: não há regras que digam que um gênero textual só possa ser executado de determinada maneira.

A alternativa C está incorreta, pois não há regra quanto ao significado dos adjetivos em gêneros textuais;

A alternativa D está incorreta, pois a autora não respeita regras formais esperadas neste gênero literário;

A alternativa E está incorreta, pois o poema é carregado de subjetividade.

Gabarito: A

2. (IME – 2019)

Os becos descritos no poema denunciam lugares marginalizados, abandonados e, mais frequentemente, não amados. Assinale a opção em que o verso transcrito condiz com essa afirmativa.

- a) “Amo tua paisagem triste, ausente, suja.” (verso 2)
- b) “Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,” (verso 9)
- c) “Amo a avenca delicada que renasce” (verso 13)
- d) “Amo esses burros-de-lenha” (verso 18)
- e) “Amo e canto com ternura” (verso 29)

Comentários: Fica claro na primeira estrofe o caráter marginalizado do local descrito:

“Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.”

Assim, a alternativa que melhor condiz com o enunciado é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois esse trecho alude à natureza, que não é necessariamente um local abandonado nem marginalizado.



A alternativa C está incorreta, pois o adjetivo “delicada” não costuma ser entendido como próximo da ideia de abandono ou marginalização.

A alternativa D está incorreta, pois um burro-de-lenha é exatamente aquilo que a expressão denota: um animal que carrega madeira. Isso não remete à ideia de abandono ou marginalização.

A alternativa E está incorreta, pois o substantivo “ternura” não costuma ser entendido como próximo da ideia de abandono ou marginalização.

Gabarito: A

Texto para as questões 3, 4 e 5

TEXTO 2

O elefante

Fabrico um elefante
de meus poucos recursos.
Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.
A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura
que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante
pronto para sair
à procura de amigos
num mundo enfastiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
Ei-lo, massa imponente

e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.
Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si
desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres
e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,



sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas
no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,
as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite
volta meu elefante,

mas volta fatigado,
as patas vacilantes
se desmancham no pó.
Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. -
São Paulo: Editora Record, 1983.

3. (IME - 2019)

No poema, considerando o elefante fabricado artesanalmente como uma alegoria para falar da arte, mandar o elefante à rua aponta para um desejo de

- a) divulgação daquilo que até então era privado e íntimo.
- b) invisibilidade da coisa criada.
- c) anonimato e silenciamento, já que há nas ruas um burburinho incessante que acaba por silenciar tudo o que nela transita.
- d) fuga às responsabilidades do artista, pois o poeta sucumbe diante de sua inspiração.
- e) banalização dos sentimentos que inspiraram o poeta a construir seu elefante.

Comentários: O elefante do poema alegoriza a própria ideia de obra de arte. O artista cria sua obra no seu ateliê, isolado do mundo, sem contato com outras pessoas. Até o momento em que uma obra de arte é vista pelo público, ela não diz nada. Para que ela comunique sua mensagem, deve se encontrar com as pessoas. Por isso, quando manda seu elefante para as ruas, o poeta está tentando levar à rua aquilo que antes era só seu, íntimo. Portanto, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois quem manda uma obra para a rua quer que ela seja conhecida, não inviabilizada.

A alternativa C está incorreta, pois a incomunicabilidade nasce da falta de capacidade de se conectar com o próximo e à alienação do homem contemporâneo, não ao barulho das ruas.



A alternativa D está incorreta, pois a responsabilidade do artista é criar arte e comunicar sua mensagem. Mandar o elefante para a rua é cumprir com sua responsabilidade.

A alternativa E está incorreta, pois mandar a obra para a rua não banaliza o sentimento. O que prejudica a intenção do poeta é o fato de não ser possível a comunicação entre as pessoas e a arte.

Gabarito: A

4. (IME - 2019)

Considere os versos 19 a 23 do poema, transcritos abaixo:

“E há por fim os olhos,
onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.”

Abaixo, você encontrará alguns ditados populares elencados. Qual destes ditados mais se aproxima da ideia veiculada no verso 23, “alheia a toda fraude”?

- a) “Fazer o bem sem olhar a quem.”
- b) “O pior cego é aquele que não quer ver.”
- c) “Perto dos olhos, longe do coração.”
- d) “Em terra de cego, quem tem um olho é rei.”
- e) “Os olhos são a janela da alma.”

Comentários: É nos olhos do elefante que se encontra a parte mais sincera. “alheia a toda fraude” significa “que não engana”, “afastada das enganações”. O dito “Os olhos são a janela da alma” significa que os olhos são a parte do corpo incapaz de mentir. A partir dos olhos se pode perceber o que passa no íntimo de alguém. Por isso, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois “Fazer o bem sem olhar a quem” significa que se deve fazer aquilo que se crê ser certo independente de qualquer expectativa de recompensa ou escolha, fazendo o bem a qualquer um, não só a quem interessa.

A alternativa B está incorreta, pois “O pior cego é aquele que não quer ver” significa que nós mesmos nos enganamos, optando por não enxergar aquilo que não queremos. E o autoengano é o pior tipo de engano que há.

A alternativa C está incorreta, pois “Perto dos olhos, longe do coração” significa que muitas vezes algo ou alguém que está distante de nós, continua sendo objeto de nosso afeto e, por isso, está próximo do nosso coração.

A alternativa D está incorreta, pois “Em terra de cego, quem tem um olho é rei” significa que dependendo da situação se encontra em maior ou menor vantagem. É comparação com os outros e o ambiente nos torna melhores ou piores. Alguém bom em uma situação, poderia ser considerado ruim em outra.

Gabarito: E



5. (IME – 2019)

O poema *O elefante*

- a) anuncia, por meio da alegoria do animal, que o tamanho dos problemas dos adultos é inversamente proporcional ao tamanho do elefante, sendo, ao mesmo tempo, um poema direcionado às crianças.
- b) estabelece uma relação criador/criatura e, metaforicamente, é possível falar de um paralelo entre arte/artista: o conteúdo produzido pelo artista é causa e consequência, ao mesmo tempo, do trabalho do poeta com as palavras.
- c) desconecta o elefante (criação) de seu criador, retirando deste toda a sua capacidade criativa.
- d) mostra a criatura, o elefante, como algo definido e único: criá-lo é tão trabalhoso que não há possibilidade de criar outros elefantes.
- e) revela, metaforicamente, um descuido com o fazer poético ao descrever a deselegância do elefante mal construído, que segue pelas ruas de modo desequilibrado.

Comentários: O elefante do poema é uma alegoria para a obra de arte. As referências à manufatura da obra são um dos índices mais explícitos dessa associação. Ao mesmo tempo, o poema é escrito na primeira pessoa, dando a entender que poderia também ser uma fala do próprio poeta, cuja obra de arte é o poema. O poeta escreve para comunicar-se com os outros, mas a impossibilidade de se comunicar é aquilo que o impulsiona, por fim, a seguir tentado criar sua obra. Assim, a alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois o poema discute questões profundas como o papel da arte e a alienação do homem. Não é possível dizer que tal conteúdo é mais adequado para crianças apenas por se basear numa proposta lúdica.

A alternativa C está incorreta, pois criatura e criador estão absolutamente conectados. O problema é que o ser humano não consegue se conectar com a obra de arte e, por isso, sua mensagem não chega a ser passada.

A alternativa D está incorreta, pois o poema finaliza com a ideia de que o elefante volta destruído para casa, mas no dia seguinte o criador recomeçará seu trabalho, seja consertando esse elefante ou criando outro.

A alternativa E está incorreta, pois no início do poema, ao descrever a manufatura do animal, revela o extremo cuidado do artista para com sua obra.

Gabarito: B

6. (IME – 2019)

Quanto à estrutura, os textos 1 e 2

- a) são haicais pois transmitem imensa sabedoria em relação ao tamanho dos textos apresentados.
- b) são acrósticos que cantam determinado lugar ou coisa.
- c) são baladas que fazem referência a um tempo perdido.



- d) são poemas modernos que apresentam versos brancos ou livres e estrofes polimétricas.
- e) são sonetos e apresentam conteúdos ligados à sabedoria acumulada pelos poetas ao longo do tempo.

Comentários: O versos de ambos os poemas são brancos (sem rima) e livres (sem métrica). Ser polimétrico significa ser composto de versos de tamanhos diferentes. Isso ocorre em ambos os poemas. Os autores Cora Coralina e Carlos Drummond de Andrade são poetas modernos e, portanto, sua produção pode ser caracterizada como um poema moderno. Por isso, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o haicai é uma forma poética de três versos, em que o 1º verso possui 5 sílabas poéticas, o 2º verso possui 7 sílabas poéticas e o 3º verso possui 5 sílabas poéticas.

A alternativa B está incorreta, pois o acróstico é uma forma poética em que as primeiras letras do verso formam uma palavra em especial.

A alternativa C está incorreta, pois a balada é uma forma poética fixa com três estrofes de oito versos (oitavas) e uma estrofe de quatro versos.

A alternativa E está incorreta, pois o soneto é uma forma poética de 14 versos, organizados em quatro estrofes. As duas primeira estrofes são quartetos (4 versos por estrofe) e as duas últimas estrofes são tercetos (três versos por estrofe).

Gabarito: D

7. (IME – 2019)

Sobre os textos 1 e 2, analise as afirmações abaixo:

- I. descrevem um exterior cuja aparência pode ser vista como deselegante, guardando, porém, tanto os becos quanto o elefante, um interior rico em poesia e vida.
- II. revelam uma construção erudita, rígida e intelectualizada de uma narrativa poética cuja forma apresenta estrofes regulares e longas, intercaladas por estribilho.
- III. há uma relação estreita entre prosa e poesia revelada no encadeamento que oscila entre a descrição e a narração.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmação(ões)

- a) I apenas.
- b) II apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II e III apenas.
- e) I, II e III.

Comentários:



A afirmação I. está correta, pois ambos os poemas mostram elementos (os becos e o elefante) que apesar de não possuírem aparência agradável, possuem grande valor internamente: os becos com suas histórias e o elefante com seu valor artístico.

A afirmação II. está incorreta, pois ambos os poemas apresentam estrofes curtas e sem regularidade.

ATENÇÃO: estribilho é um conceito pouco exigido em provas. Significa uma frase ou expressão que se repete de tempos em tempos em uma construção poética, como uma espécie de bordão. O IME tende a cobrar alguns conceitos inesperados como esse.

A afirmação III. está correta, pois ambos os poemas apresentam narrativas, com personagens, enredos e conclusão.

Gabarito: C

Texto para as questões 8 e 9

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

¹Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, ²o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ³ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?".

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. ⁴Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. ⁵Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.



Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em 10 de maio de 2017.

Originalmente publicado no Jornal do Brasil em 12 de setembro de 1970.

8. (IME - 2018)

Considere o trecho abaixo, retirado do texto:

Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem (referência 6).

A autora discorre sobre a posse de um saber. A respeito desse saber, podemos afirmar que

- a) os bobos que se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria que os espertos deveriam ter.
- b) os bobos que aparentemente se fazem de bobos estão praticando, na verdade, a sabedoria dos espertos.
- c) os bobos, por serem naturalmente criativos, comprovam possuir a sabedoria necessária para vencer.
- d) os bobos, por serem naturalmente criativos, não permitem que ninguém desconfie de sua dissimulada esperteza, que nada mais é do que produto de sua criatividade; assim definimos sua estratégia para vencer na vida.
- e) os bobos acabam por se tornar espertos e, por isso, ganham as lutas da vida, já que não se importam que “saibam que eles sabem”.

Comentários: A autora afirma que os bobos não agem pensando na opinião dos outros ou em comparar-se com os ditos “espertos”. Eles vivem o cotidiano de forma criativa e espontânea. A alternativa que melhor se adequa a essa ideia é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois os bobos não “se fazem de bobos”, ou seja, seu comportamento não é fingido, mas sim espontâneo.

A alternativa B está incorreta, pois, assim como em A, não há no texto a ideia de que o bobo dissimule seu comportamento.

A alternativa D está incorreta, pois os bobos apenas vivem, sem planejar ou dissimular seus sentimentos e ações.



A alternativa E está incorreta, pois os bobos não se tornam espertos a partir desse comportamento. A autora não tenta aproximar os comportamentos no texto, como se um pudesse virar o outro.

Gabarito: C

9. (IME - 2018)

Sobre as considerações a respeito de ser **esperto** vs. ser **bobo** encontradas no texto, assinale o par de análises que **destoa** das considerações feitas pela autora.

- a) Os espertos pretendem conquistar o mundo pela sagacidade; o bobo ganha o mundo por sua espontaneidade.
- b) Os espertos muitas vezes atingem seus objetivos; os bobos podem ser facilmente ludibriados.
- c) O esperto preocupa-se todo o tempo em entender o mundo para tirar proveito desse entendimento; ser bobo é sentir o mundo e tomar parte nele.
- d) Os sentimentos do esperto são mais intensos que os do bobo; o coração do bobo é pouco acessível.
- e) O esperto é prevenido; o bobo muitas vezes precisa lidar com complicações em que se mete por ser bobo.

Comentários: No último parágrafo do texto, a autora faz referência à relação que o bobo tem com o amor em “o amor faz o bobo”. Por isso, não é possível dizer que o coração do bobo é pouco acessível. A alternativa que apresenta par de análises que destoa é alternativa D.

A alternativa A não apresenta incorreções, pois essa é a relação estabelecida ao longo do texto: o esperto se esforça para vencer enquanto o bobo só age naturalmente.

A alternativa B não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos tendem a conseguir o que querem pela audácia, enquanto os bobos, por confiarem demais, podem ser enganados.

A alternativa C não apresenta incorreções, pois o texto afirma que o esperto está sempre elaborando esquemas, enquanto o bobo apenas vive no mundo.

A alternativa E não apresenta incorreções, pois o texto afirma que os espertos planejam seus passos, enquanto o bobo faz as coisas espontaneamente.

Gabarito: D

10. (IME – 2018)

EXAUSTO

Eu quero uma licença de dormir,
perdão pra descansar horas a fio,
sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.
Quero o que antes da vida



foi o sono profundo das espécies,
a graça de um estado.
Semente.
Muito mais que raízes.

PRADO, Adélia. *Exausto*. Disponível em <<http://byluleoa-tecendopalavras.blogspot.com.br/>>.
Acesso em 31/07/17.

A respeito dos versos abaixo (versos 3 e 4),

sem ao menos sonhar
a leve palha de um pequeno sonho.

podemos afirmar que

- a) indicam uma opção por um descanso em áreas afastadas dos grandes centros urbanos, onde o contato com a natureza é possível.
- b) expressam o objetivo da autora em querer conquistar bens materiais que promovam uma vida confortável; dar espaço aos “sonhos” prejudicaria esse processo.
- c) revelam o desejo de um descanso necessário a quem se reconhece portador de um extremo cansaço; sonhar não é objetivo principal dessa pausa.
- d) produzem, no leitor, a certeza de que o ato de sonhar traz, ao ser humano, mais uma obrigação do que um prazer para aquele que quer vencer.
- e) comprovam que o ato de sonhar é próprio do “sono profundo das espécies”, por isso, a autora o busca.

Comentários: Fica claro nesse trecho que o objetivo do eu-lírico é de descansar, não fazer nada, independente do local em que está. Ele não deseja nem ao menos sonhar; apenas dar uma pausa. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há menção que justifique que o afastamento seja necessariamente dos grandes centros urbanos em direção à natureza. A autora apenas utiliza um vocabulário ligado à natureza (semente, raízes, espécies, etc.)

A alternativa B está incorreta, pois a autora não busca os bens materiais, mas sim o conforto do descanso e da potência de realizações.

A alternativa D está incorreta, pois o desejo do não sonhar está ligado à vontade de não pensar em nada, não a um possível empecilho às realizações.

A alternativa E está incorreta, pois a autora não busca o sonho, ela apenas deseja descansar.

Gabarito: C

Texto para as questões 11, 12 e 13

O texto abaixo é uma das líras que integram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.



1. Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão!
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

2. Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

3. Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

4. Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

5. *Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele,
Que feres e matas,
Não tens compaixão?*

(GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2011.)

11. (ITA – 2018)

Neste poema,

I. há o relato de um episódio vivido por Marília: após ser ferida por uma abelha, ela é socorrida pelo Amor.

II. o Amor é personificado em uma deidade que dirige a Marília uma pequena censura amorosa.

III. a censura que o Amor faz a Marília é um artifício por meio do qual o sujeito lírico, indiretamente, dirige a ela uma queixa amorosa.

IV. o propósito maior do poema surge, no final, no lamento que o sujeito lírico dirige à amada, que parece fazê-lo sofrer.

Estão corretas:

- a) I, II e III apenas.
- b) I, II e IV apenas.
- c) I e III apenas.
- d) II, III e IV apenas.
- e) todas.

Comentários: A afirmação do item I. se comprova pelas estrofes 2 e 3, em que o autor diz que a abelha enraivecida mordeu a mão de Marília (estrofe 2) e o Amor, que brincava no bosque, foi socorrê-la (estrofe 3).



A afirmação do item II. se confirma pelo fato que o Amor realiza ações no poema: ajudar Marília, beijar seu dedo, por exemplo.

A afirmação do item III. se confirma pela pergunta na estrofe 5: Como daquele que feres e matas não tens compaixão?”. Esse “ferir” e “matar” é metafórico: como ela não lhe dá o amor que deseja, ela o está ferindo.

A afirmação do item IV. se confirma, pois o livro “Marília de Dirceu” trata, em diversos poemas, do desejo de amor do poeta, que clama que Marília corresponda a seus sentimentos.

Gabarito: E

12. (ITA – 2018)

O poema abaixo dialoga com as liras de Marília de Dirceu.

Haicai tirado de uma falsa lira de Gonzaga

Quis gravar “Amor”

No tronco de um velho freixo:

“Marília” escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

Dentre as marcas mais visíveis de intertextualidade, encontram-se as seguintes, EXCETO

- a) o título do poema menciona o autor de Marília de Dirceu.
- b) ambos os textos pertencem à mesma forma poética.
- c) no poema, Marília é, assim como em Gonzaga, o objeto amoroso.
- d) tal como nos textos árcades, no de Bandeira, a natureza é o cenário do amor.
- e) este poema de Bandeira possui, como os de Gonzaga, teor sentimental.

Comentários: A alternativa B é a única incorreta, pois o poema de Bandeira é um Haicai: estrutura poética de três versos, e “Marília de Dirceu” é um conjunto de liras, como está dito na pergunta do enunciado.

A alternativa A está correta, pois o autor de Marília de Dirceu é Tomás Antônio Gonzaga.

A alternativa C está correta, pois a palavra “amor” pode ser substituída por “Marília”, o que significa que ela representa este sentimento para o poeta.

A alternativa D está correta, pois o local em que Bandeira escolhe demonstrar seu amor é o tronco de uma árvore.

A alternativa E está correta, pois o tema do poema é o amor que sente por Marília.

Gabarito: B

13. (ITA - 2018)

Haicai tirado de unia falsa lira de Gonzaga



Quis gravar “Amor”
No tronco de um velho freixo:
“Marília” escrevi.

(BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.)

O poema abaixo retoma imagens presentes nas líras de *Marília de Dirceu* e no haicai de Manuel Bandeira, apresentados acima.

Passeio no bosque

o canivete na mão não deixa
marcas no tronco da goiabeira

cicatrices não se transferem

(CACASO. *Beijo na boca*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.)

Algumas pessoas, ao gravarem nomes, datas etc., nos troncos das árvores, buscam externar afetos ou sentimentos. Esse texto, contudo, registra uma experiência particular de alguém que, fazendo isso,

- a) se liberta das dores amorosas, pois as exterioriza de alguma forma.
- b) percebe que provocará danos irreversíveis à integridade da árvore.
- c) busca refúgio na solidão do espaço natural.
- d) se dá conta de que é impossível livrar-se dos sentimentos que o afligem.
- e) encontra dificuldade em gravar o tronco com um simples canivete.

Comentários: Quando diz que “cicatrices não se transferem”, o eu-lírico sugere que não é possível livrar-se de maus sentimentos, pois eles estão marcados nele, como cicatrizes. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois quando diz que “cicatrices não se transferem”, o autor deixa claro que não é possível libertar-se das dores amorosas.

A alternativa B está incorreta, pois a árvore representa metaforicamente a si próprio, não sendo sobre a integridade de uma árvore em si.

A alternativa C está incorreta, pois a ideia não é refugiar-se, mas buscar livrar-se de sentimentos que o perturbam.

A alternativa E está incorreta, pois o canivete é empregado de maneira metafórica. Simboliza a tentativa de livrar-se dos sentimentos que o machucam.

Gabarito: D

Texto para as questões 14 e 15

A(s) questão(ões) refere(m)-se ao texto a seguir:

a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer



a barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
não quero morrer pois quero ver
como será que deve ser envelhecer
eu quero é viver pra ver qual é
e dizer venha pra o que vai acontecer
eu quero que o tapete voe / no meio da sala de estar
eu quero que a panela de pressão pressione
e que a pia comece a pingar
eu quero que a sirene soe
e me faça levantar do sofá
eu quero pôr Rita Pavone*
no *ringtone* do meu celular
eu quero estar no meio do ciclone
pra poder aproveitar
e quando eu esquecer meu próprio nome
que me chamem de velho gagá
pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé
com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.

(ANTUNES, A. *Envelhecer. Álbum Ao vivo lá em casa. 2010.*)

*cantora italiana de grande sucesso na década de 1960.

14. (ITA - 2018)

“Eu quero pôr Rita Pavone no *ringtone* do meu celular”. O trecho selecionado indica que o autor

- a) busca conciliar elementos de épocas distintas.
- b) acredita que a velhice seja apenas uma construção social.
- c) necessita estar acompanhado de tecnologias modernas.
- d) cria diversas formas de lidar bem com a velhice.
- e) atribui características humanas ao não humano.

Comentários: O autor busca unir referências do presente e do passado ao unir Rita Pavone, que é descrita na nota de fim do poema como uma cantora de sucesso dos anos 1960, com “*ringtone*” do celular, ou seja, com o toque do telefone. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois no trecho há uma tentativa de conciliar o passado e o presente, constatando, portanto, a passagem do tempo.



A alternativa C está incorreta, pois o autor defende a união de passado e presente, não apenas as tecnologias modernas.

A alternativa D está incorreta, pois há apenas uma forma expressa neste trecho: a união de passado e presente.

A alternativa E está incorreta, pois não há personificação aqui. O autor de fato está falando sobre o som do toque do celular apenas.

Gabarito: A

15. (ITA - 2018)

O trecho que critica explicitamente aqueles que não aceitam a velhice é:

- a) e quando eu esquecer meu próprio nome que me chamem de velho gagá
- b) não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer
- c) pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé
- d) a coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
- e) os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Comentários: A crítica em não aceitar a velhice está no trecho “pois ser eternamente adolescente nada é mais démodé”. “démodé”, em francês, significa “fora de moda”, indicando que o autor acha algo “fora de moda” o desejo de não envelhecer. A alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois neste trecho ele sugere aceitar a velhice, não criticar quem não a aceita.

A alternativa B está incorreta, pois neste trecho o autor afirma desejar o envelhecimento, não criticar quem não a aceita.

A alternativa D está incorreta, pois neste trecho o autor pretende louvar a velhice, não criticar quem não a aceita.

A alternativa E está incorreta, pois neste trecho o autor fala sobre o processo do envelhecimento morte e como encaramos essas questões.

Gabarito: C

16. (ITA - 2017)

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
– Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:



– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Em: *Manuel Bandeira, Libertinagem. Rio de Janeiro: Pongetti, 1930.*)

O poema abaixo é de Alcides Villaça.

Bach no céu

Para Manuel Bandeira

Imagino Johann Sebastian Bach entrando no céu:

- Com licença, São Pedro?
- Faz favor, João. Só não repare a bagunça.

(Em: *Ondas curtas. São Paulo: Cosac Naify, 2014.*)

Dada a explícita relação intertextual entre *Bach no céu* e *Irene no céu*, é correto afirmar que

- a) *Bach no céu*, por ser um poema dedicado a um grande compositor, se opõe frontalmente ao primeiro poema, dedicado a uma mulher simples.
- b) a linguagem, no poema de Villaça, é formal porque ele retrata um grande compositor.
- c) inexistente afetividade em *Bach no céu*, pois o sujeito lírico não conheceu Bach pessoalmente.
- d) a admiração do sujeito lírico por Bach não é, na visão dele, compartilhada por São Pedro.
- e) *Bach no céu* homenageia, ao mesmo tempo, Johann Sebastian Bach e Manuel Bandeira.

Comentários:

A alternativa A está incorreta, pois ambos os poemas homenageiam alguém – Irene no primeiro poema, Bach e Manuel Bandeira no segundo. Os dois também falam sobre a chegada das pessoas ao céu, onde elas são bem-vindas.

A alternativa B está incorreta, pois a linguagem do poema de Villaça não é formal, o que fica claro principalmente em “Faz favor, João.”

A alternativa C está incorreta, pois o autor trata do músico com afetividade, não com distância.

A alternativa D está incorreta, pois São Pedro aceita a entrada de Bach no céu, mostrando que ele tem algum apreço por ele.

Gabarito: E

17. (ITA - 2016)



A adivinha é um gênero da oralidade popular que formula construções como: “O que é, o que é: tem escamas mas não é peixe, tem coroa mas não é rei? O abacaxi!. Ela consiste num jogo enigmático de perguntas que, por conter dualidades e oposições, leva o ouvinte a pensar. Considerando essa definição, leia o poema abaixo de Orides Fontela.

Adivinha

O que é impalpável
mas
pesa

o que é sem rosto
mas
fere

o que é invisível
mas
dói.

(Em: Teia. São Paulo: Geração Editorial, 1996.)

Considere as seguintes afirmações:

- I. O poema mantém alguns traços formais da adivinha popular.
- II. Como a adivinha popular, a do poema possui uma única resposta, que é um elemento concreto.
- III. A adivinha do poema é uma reinvenção da adivinha popular.

Está(ão) correta(s) apenas:

- a) I.
- b) I e II.
- c) I e III.
- d) II.
- e) II e III.

Comentários:

O item I está correto, pois a escrita do poema lembra o jogo de adivinha de “o que é, o que é”.

O item II está incorreto, pois não é possível afirmar que haja apenas uma resposta para as adivinhações.



O item III está correto, pois há uma reimaginação lírica de uma adivinhação simples, normalmente ligada a uma explicação metafórica de um item concreto, como o abacaxi.

Gabarito: C

18. (ITA - 2014)

O poema abaixo é de Cecília Meireles:

Epigrama 8

Encostei-me em ti, sabendo bem que eras somente onda.
Sabendo bem que eras nuvem, depus minha vida em ti.
Como sabia bem tudo isso, e dei-me ao teu destino frágil,
fiquei sem poder chorar, quando caí.

É CORRETO afirmar que o texto

- a) contém uma expressão exagerada de dor e tristeza, decorrente do fim de um envolvimento amoroso.
- b) fala sobre o rompimento de duas pessoas, que, por já ser previsto, não causou dor no sujeito lírico.
- c) registra o término de um envolvimento afetivo superficial, pois os amantes não se entregaram totalmente.
- d) contém ambiguidade, pois, apesar de o sujeito lírico dizer que não chorou, o poema exprime tristeza.
- e) garante que a forma mais aconselhável de lidar com as decepções é estarmos de antemão preparados para ela.

Comentários: Há uma aparente ambiguidade em dizer que não pode chorar e sofrer ao mesmo tempo. A consciência de que algo podia dar errado não tira o sofrimento do fracasso posterior. Assim, a alternativa correta é a alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois não há exagero de dor ou tristeza no poema, mas sim a sugestão de tristeza.

A alternativa B está incorreta, pois não “poder chorar” é um modo de dizer que ele tinha consciência dos riscos quando se entregou ao romance, mas isso não impede que ele sinta tristeza.

A alternativa C está incorreta, pois o sentimento não foi superficial. Isso se comprova em “depus minha vida em ti”.

A alternativa E está incorreta, pois o poema deixa claro que não há garantias quando o assunto são sentimentos. Mesmo achando que tudo pode dar errado, não há nada que garanta o rumo que uma relação pode tomar.



Gabarito: D

19. (ITA - 2013)

O poema abaixo traz a seguinte característica da escola literária em que se insere:

Violões que Choram...

Cruz e Sousa

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
noites de solidão, noites remotas
que nos azuis da Fantasia bordo,
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,
anseio dos momentos mais saudosos,
quando lá choram na deserta rua
as cordas vivas dos violões chorosos.

[...]

- a) tendência à morbidez.
- b) lirismo sentimental e intimista.
- c) precisão vocabular e economia verbal.
- d) depuração formal e destaque para a sensualidade feminina.
- e) registro da realidade através da percepção sensorial do poeta.

Comentários: O poema trata das recordações do poeta, que se lembra de noites remotas a partir de suas próprias percepções. Isso fica claro no número de adjetivos utilizados, ligados ao modo como ele via aquele momento (ex.: “Tristes perfis”). Assim, a alternativa correta é alternativa E.

A alternativa A está incorreta, pois não há elementos mórbidos, ou seja, ligados à ideia de morte nesse poema.

A alternativa B está incorreta, pois não há sentimentalismo no poema, mas sim o olhar do poeta para o exterior. Ele não está falando sobre seus próprios sentimentos.

A alternativa C está incorreta, pois a linguagem do poema é vaga, remetendo à percepção do poeta.



A alternativa D está incorreta, pois não há o aparecimento de figuras femininas, muito menos sensuais.

Gabarito: E

20. (ITA - 2013)

O segmento do poema ao lado apresenta

Eu e o sertão

Patativa do Assaré

Sertão, arguém te cantô
Eu sempre tenho cantado
E ainda cantando tô,
Pruquê, meu torrão amado,
Munto te prezo, te quero
E vejo qui os teus mistero
Ninguém sabe decifrá.
A tua beleza é tanta,
Qui o poeta canta, canta,
E inda fica o qui cantá.
[...]

(Cante lá que eu canto cá. Petrópolis: Vozes, 1982)

- a) um testemunho de quem conhece o ambiente retratado.
- b) humor e ironia numa linguagem simples típica do sertanejo.
- c) uma descrição detalhada do espaço.
- d) a percepção do poeta de que seu canto é a melhor das interpretações.
- e) perceptível distanciamento entre o poeta e o objeto do seu canto.

Comentários: Fica claro a partir do poema que o autor é conhecedor do ambiente. Tanto na linguagem, próxima da oralidade (“E inda fica o qui cantá.”), quanto na fala “E vejo qui os teus mistero / Ninguém sabe decifrá” fica demonstrada a proximidade do autor com o tema. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois não é possível dizer que haja ironia ou humor, apenas uma variante linguística.

A alternativa C está incorreta, pois não há a descrição do espaço, mas da percepção do autor sobre ele.

A alternativa D está incorreta, pois o poeta tem consciência de que mesmo conhecendo o lugar, ele admite que ninguém sabe de fato decifrar seus mistérios.



A alternativa E está incorreta, pois o poeta é muito próximo de seu objeto de canto, parecendo ser natural da região.

Gabarito: A

21. (ITA - 2012)

Considere o poema abaixo, de Ana Cristina César (1952-1983).

Fisionomia

não é mentira
é outra
a dor que dói
em mim
é um projeto
de passeio
em círculo
um malogro
do objeto
em foco
a intensidade
de luz
de tarde
no jardim
é outra
a dor que dói

O título do poema está relacionado ao eu lírico por um conflito de natureza

- a) amorosa.
- b) social.
- c) física.
- d) existencial.
- e) imaginária.

Comentários: “fisionomia” é o conjunto de traços que compõe o rosto de alguém. Ao unir esses traços com problemas e angústias ocorre um problema existencial: como as sensações são capazes de moldar seu rosto.

A alternativa A está incorreta, pois não é possível presumir que a dor dela seja necessariamente de amor, apenas sentimentos.

A alternativa B está incorreta, pois não há elementos que denotariam preocupação social, apenas individual, existencial.

A alternativa C está incorreta, pois a dor e angustia da personagem não é física, mas espiritual.



A alternativa E está incorreta, pois não há nada de imaginário na dor. Não é porque ela não é física que ela se torna inexistente.

Gabarito: D

Texto para as questões 22 e 23

Leia o soneto “Alma minha gentil, que te partiste”, do poeta português Luís de Camões (1525?-1580).

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida descontente,
repousa lá no Céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te,

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te,
quão cedo de meus olhos te levou.

(Sonetos, 2001.)

22. (UNESP - 2017)

No soneto, o eu lírico

- a) suplica a Deus que suas memórias afetivas lhe sejam subtraídas.
- b) expressa o desejo de que sua amada seja em breve restituída à vida.
- c) expressa o desejo de que sua própria vida também seja abreviada.
- d) suplica a Deus que sua amada também se liberte dos sofrimentos terrenos.
- e) lamenta que sua própria conduta tenha antecipado a morte da amada.

Comentários: Na última estrofe do soneto, o eu lírico diz que “roga a Deus, que teus anos encurtou, / que tão cedo de cá me leve a ver-te, / quão cedo de meus olhos te levou”. Isso significa que o poeta pede a Deus, que levou tão cedo sua amada com a morte, também venha levá-lo para que ele possa revê-la. Assim, a alternativa correta é alternativa C.

A alternativa A está incorreta, pois não há no poema em nenhum momento um pedido que Deus tire do eu lírico as memórias da amada que morreu, mas sim o pedido que a morte não demore muito a chegar, para que ele possa se unir à amada novamente.



A alternativa B está incorreta, pois o eu lírico não acha que pode trazer a amada de volta à vida, apenas deseja encontrar-se com ela.

A alternativa D está incorreta, pois sua amada já está morta, não há mais sofrimentos terrenos para ela.

A alternativa E está incorreta, pois não há aparente envolvimento do eu lírico na morte da amada. Ele sempre se refere a Deus como aquele que levou sua amada.

Gabarito: C

23. (UNESP - 2017)

De modo indireto, o soneto camoniano acaba também por explorar o tema da

- a) falsidade humana.
- b) indiferença divina.
- c) desumanidade do mundo.
- d) efemeridade da vida.
- e) falibilidade da memória.

Comentários: Ao falar sobre a amada, que tão cedo morreu, o poeta acaba por explorar também a efemeridade da vida. Assim, a alternativa correta é alternativa D.

A alternativa A está incorreta, pois o poema fala sobre o amor e a saudade, não sobre a falsidade.

A alternativa B está incorreta, pois o eu lírico fala diretamente com Deus, suplicando-lhe que o leve dessa vida também. Não há como saber se Deus foi ou não indiferente a seu pedido.

A alternativa C está incorreta, pois não há discussão sobre a desumanidade, mas sim sobre a saudade da amada que morreu.

A alternativa E está incorreta, pois o eu lírico não consegue esquecer a amada, provando que sua memória não falha.

Gabarito: D

Texto para as questões 24 e 25

Considere o poema do português Eugênio de Castro (1869-1944).

MÃOS

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
o vosso gesto é como um balouçar de palma;
o vosso gesto chora, o vosso gesto geme, o vosso
[gesto canta!

Mãos de veludo, mãos de mártir e de santa,
rolas à volta da negra torre da minh'alma.

Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes,



Caridosas Irmãs do hospício da minh'alma,
O vosso gesto é como um balouçar de palma,
Pálidas mãos, que sois como dois lírios doentes...

Mãos afiladas, mãos de insigne formosura,
Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,
Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,
Duas velas à flor duma baía escura.

Mimo de carne, mãos magrinhas e graciosas,
Dos meus sonhos de amor, quentes e brandos ninhos,
Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,
Mas que depois me haveis coroado de rosas!

Afilhadas do luar, mãos de rainha,
Mãos que sois um perpétuo amanhecer,
Alegrai, como dois netinhos, o viver
Da minha alma, velha avó entrevadinha.

(Obras poéticas, 1968.)

24. (UNESP – 2016)

Indique o verso cuja imagem significa “trazer sofrimentos, padecimentos”.

- a) “O vosso gesto é como um balouçar de palma,”
- b) “Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,”
- c) “Duas velas à flor duma baía escura.”
- d) “Mãos de pérola, mãos cor de velho marfim,”
- e) “Sois dois lenços, ao longe, acenando por mim,”

Comentários: Trazer sofrimentos deve ser algo que traz dor ou mal-estar. Assim, deve-se procurar uma alternativa que contenha uma imagem de algo que remeta a dor. A única alternativa que apresenta uma imagem assim é “Divinas mãos que me heis coroado de espinhos,”. Uma coroa de espinhos é um símbolo comum na religião católica para o sofrimento de Cristo. Assim, coroar alguém de espinhos significa fazer alguém passar por algum sofrimento. A alternativa correta é alternativa B.

A alternativa A está incorreta, pois “balouçar de palma” não denota sofrimento, mas sim calma, já que fala em “balouçar”, que significa “oscilação”, “movimento leve”.

A alternativa C está incorreta, pois “velas numa baía escura” denota uma salvação, algo que traz luz na escuridão e isso não pode ser considerado sofrimento.



A alternativa D está incorreta, pois “pérola” e “marfim” denotam tanto uma cor pura quanto materiais caros. Nenhuma das duas referências pode ser associada com sofrimento.

A alternativa E está incorreta, pois “lenços acenando” não denota sofrimento, mas sim uma boa recepção.

Gabarito: B

25. (UNESP - 2016)

“Alegrai, como dois netinhos, o viver / Da minha alma, velha avó entrevadinha.”

Considerados em seu contexto, tais versos

- a) reforçam o modo negativo como o eu lírico enxerga a si mesmo.
- b) evidenciam o ressentimento do eu lírico contra os familiares.
- c) assinalam uma reaproximação do eu lírico com a própria família.
- d) atestam o esforço do eu lírico de se afastar da imagem obsessiva das mãos.
- e) reafirmam o otimismo manifestado pelo eu lírico ao longo do poema.

Comentários: O eu lírico refere-se a si mesmo e à sua alma como uma “velha avó entrevadinha”. Entrevada é alguém que não consegue se mover ou que se vê tolhida de sua liberdade de movimento. Assim, fica claro que eu lírico enxerga a si mesmo de modo negativo e apenas as mãos de sua amada podem o tirar desse estado. Assim, a alternativa correta é alternativa A.

A alternativa B está incorreta, pois aqui o autor faz uso de uma metáfora: a avó que não pode mexer-se, fica alegre com a visita dos netos. Não é uma referência à família do eu lírico, mas sim uma linguagem figurada.

A alternativa C está incorreta, pois, assim como em B, esse trecho não é referência à família do eu lírico em si, mas sim uma expressão metafórica para denotar a alegria que o eu lírico se encontra junto à amada.

A alternativa D está incorreta, pois esse trecho se refere justamente a como ele se sente quando em contato com as mãos da amada.

A alternativa E está incorreta, pois o eu lírico constrói o poema a partir da ideia de que ele não se sente bem longe das mãos de sua amada. Isso se comprova a partir de uma série de metáforas – como a avó entrevadinha e a baía escura. Não há otimismo no poema.

Gabarito: A



Considerações finais

Na próxima aula, vamos adentrar nos estudos de **Morfossintaxe**. Veremos então:

AULA 04 – Estrutura e classe de palavra
Colocação pronominal e formas combinadas.

- Estrutura e Formação de palavras;
- Classes morfológicas;
- Colocação pronominal; e
- Crase e demais formas combinadas.

Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Até lá, pratique bastante com os exercícios desta aula, para chegar sem dúvidas na próxima aula! Qualquer dúvida estou à disposição no fórum, e-mail ou Instagram!

Prof.^a Celina Gil



/professora.celina.gil



Professora Celina Gil



@professoracelinagil

	Versão	Data	Modificações
1		02/02/2020	Primeira versão do texto.

